

Em foco, o complexo embate entre arte e realidade

A francesa Catherine David, curadora da 10.ª Documenta de Kassel, veio ao Brasil para a inauguração da mostra 'A Respeito de Situações Reais' e critica a ilustração e estetização de clichês que parecem dominar a produção documental contemporânea.

Eduardo Nicolau/AE

MARIA HIRSZMAN

Foi inaugurada nesta semana no Paço das Artes a exposição *A Respeito de Situações Reais*, uma reunião de oito distintos e complexos trabalhos documentais, que associam procedimentos e meios de criação de ponta à necessidade dos artistas de lançar mão do processo de criação artística para compreender, digerir o mundo em que se encontram. Concebida em conjunto por dois importantes agentes culturais europeus, o diretor do Festival de Marselha, Jean-Pierre Rehm, e pela diretora do centro de Arte Contemporânea Witte de With, a curadora francesa Catherine David, a mostra procura dar conta de uma ampla gama de questões, enfatizando ao mesmo tempo a riqueza de procedimentos e a ausência cada vez menor de fronteiras entre as diferentes formas de criação artística.

O visitante não deve esperar em nenhum momento se deparar com uma análise objetiva e ilustrativa da realidade. Como diz Catherine, que sacudiu o mundo das artes do marasmo com a polêmica edição da Documenta de Kassel (1997), assina a curadoria de uma das exposições oficiais da próxima Bienal de Veneza, dedicada ao mundo árabe, e que ultimamente vem abrindo frentes no Brasil, a arte não deve colar-se à realidade. Do arquivo fictício de um tal dr. Fakouri, que reúne uma série de "documentos" da guerra do Líbano criados por Walid Raad à complexa instalação em vídeo criada por Chantal Akerman sobre as tensões na fronteira entre Estados Unidos e México, o que temos diante de nós é sempre uma busca subjetiva, sutil, que exige do espectador o que a curadora resume por "prazer do esforço intelectual". Há, por exemplo, o trabalho da israelense Efrat Shilvy, que nos mostra uma galeria de retratos dos ministros palestinos antes da eclosão da nova Intifada, que "dá rosto a pessoas sistematicamente ausentes", destruindo com sutileza a imagem preconceituosa dos palestinos, ou os *Objetos de Greve* do francês Jean-Luc Moulène, que registra as subversões realizadas pelos manifestantes nos produtos como forma de reivindicação e protesto. Mas tudo é sutil e um tanto obscuro.

"A arte é uma maneira de se distanciar para melhor retornar ao mundo", afirmou a curadora em entrevista concedida ao Estado, na qual comenta a relação entre a arte e o mundo, a relação entre o centro e a periferia não se refere à produção artística e não poupa palavras para criticar as simplificações, a estetização de clichês que grassam na produção contemporânea.

Estado - O foco central desta exposição, como o próprio título indica, é a questão documental. E, no entanto, reina entre os trabalhos uma certa subjetividade. Qual é o objetivo central desse projeto de curadoria?

Catherine David - Eu acho que o documento puro e simples não existe na exposição. Investigamos certas maneiras de trabalhar com e a partir do real. Nosso interesse é ver como alguns artistas sentem a necessidade de elaborar certas práticas documentais para se confrontar a uma realidade extremamente complexa. A divisão mundial de poder não tem grande relação com isso. A arte como instrumento para compreender o mundo. Eu, de qualquer maneira, tenho o sentimento de que a fenomenologia contemporânea é muito complexa e não se revela imediatamente.

Estado - Você acredita que com a guerra e as tensões internacionais vividas neste momento a arte se voltou mais para o mundo à sua volta, passou a usar a arte como uma forma de resistência?

Catherine - Me parece que a repercussão da guerra no Brasil não é a mesma que na Europa ou nos EUA. É verdade que o Brasil é um país não-comunitário, mas um cruzeiro, com forte imigração do Oriente Médio... Acho que é importante distinguir movimentos antiguerra - ninguém é a favor da guerra -, mas politicamente a coisa é muito mais complexa, depende dos interesses regionais. Acho normal que o Brasil reaja de forma distinta da França ou do Líbano.

Estado - Por que vocês se detiveram nesses trabalhos? Deve ser difícil quando há uma quantidade enorme de artistas em todo o mundo que poderiam se enquadrar nessa seleção. Quais foram os critérios adotados?

Catherine - Inicialmente eu diria que nós privilegiávamos procedimentos complexos. Além disso, há neste momento

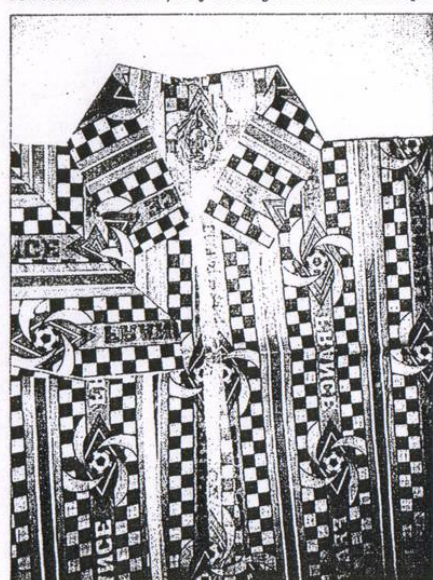


A curadora francesa Catherine David, no Paço das Artes: "A arte é uma maneira de se distanciar para melhor retornar ao mundo"

Fotos Divulgação



Um da série 'Ministros', de Efrat Shilvy: derrubando estereótipos



Um dos 'Objetos de Greve', de Jean-Luc Moulène: ironia

uma grande quantidade de trabalhos que julgo bastante problemáticos sendo produzidos, trabalhos que fazem uma ilustração, que se colam à realidade. Me parece que a prática documental não tem nada a ver com a utilização de clichês. Há uma série de obras que fazem o que chamo de "tour du monde" da miséria, o que não é garantia nem de uma boa imagem nem do início de uma reflexão política. Isto os torna elimináveis logo de início.

Estado - E vocês buscaram contemplar tanto o documentário cinematográfico quanto a videoarte?

Catherine - Acho que a videoarte não existe. O que existe são meios, articulações de mídias muitas vezes complexas. Falar de videoarte é reintroduzir categorias das belas-arts, o que me parece absolutamente retrógrado. Considero que toda tentativa de hierarquizar por meio da técnica me parece ineficaz e contraprodutiva. Há trabalhos em que o meio utilizado aparece como garantia de modernidade, o que é uma grande besteira. Nesta exposição privilegamos trabalhos construídos a partir de imagens fotográficas e imagens em movimento, sem nos atermos a essas categorias.

Estado - No Brasil temos a impressão de que há uma produção grande de "imagens em movimento", como vocês as chamou. Mas parece que já há uma certa fadiga em relação a essa produção antes mesmo de ter conseguido estabelecer-se, saindo do espaço marginal que ocupa no circuito de arte.

Catherine - Me parece que há no Brasil um real interesse pelas novas mídias há um tempo razoável, um real esforço de mostrar, produzir, discutir. Penso no Videobrasil, por exemplo. Há interesse, conhecimento. Mas não sou a melhor pessoa para falar do cansaço ou da exasperação de alguns. Talvez, é só uma hipótese, certos artistas cujos trabalhos foram negligenciados nos anos 70, talvez se sintam um pouco subestimados em proveito dos que apareceram mais recentemente.

Estado - Na 10.ª Documenta você deu ênfase à discussão sobre as instâncias centrais e locais de produção artística. Como você vê essa questão nos dias de hoje?

Catherine - As coisas mudaram muito de 1997 para cá. As diferenças estão mais contrastantes. Vemos que há uma certa aceleração da cultura dominante, produzida pela globalização, uma tentativa de simplificação, estandarização do trabalho. Decodificar, entender o trabalho contemporâneo toma tempo e os trabalhos têm de ser compreendidos de acordo com códigos visuais, formais com referências territoriais locais que não são imediatamente acessíveis a pessoas com outra bagagem cultural, linguística, etc. Me parece que é

importante não opor (as coisas são mais complexas do que isso porque as pessoas não vivem em recipientes fechados), mas valorizar opções, valores e articulações locais que podem gerar produções subjetivas muito complexas. Devemos dar espaço suficiente a produções específicas que não são facilmente aceitas, até porque não lhes são atribuídas imediatamente um valor econômico. Temos aí uma questão que exige uma reflexão cultural, econômica, geopolítica muito complexa.

Estado - Há também o projeto de exposição que você está desenvolvendo para a 50.ª Bienal de Veneza, que começa em junho? Qual o foco da exposição?

Catherine - Não se trata de uma exposição específica, mas do resultado de um programa com o objetivo de estimular a produção, circulação e debate de uma plataforma cultural no mundo árabe e além dele, em direção ao oeste e também ao interior do mundo árabe. Não é apenas uma exposição, é um projeto muito mais vasto.

'HÁ UMA ACELERAÇÃO DA CULTURA DOMINANTE'

Estado - Uma última questão em relação ao Brasil. Você quase realizou a curadoria do próximo Panorama do MAM. Por que isso não ocorreu e qual seria seu comentário sobre a produção local?

Catherine - Pequenas indiscrições da imprensa antes de oficializarmos o projeto e o fato de eu já estar sobrecarregada com três exposições para este ano foram as responsáveis pela suspensão do projeto. Mas as relações com o MAM continuam cordiais e outros projetos são totalmente possíveis. O panorama tem um caráter bastante fluido e eles estavam totalmente de acordo em aceitar um projeto que não era exatamente uma visão panorâmica. E nem necessariamente contemporânea. Seria uma colocação em perspectiva de artistas muito importantes da segunda metade do século que me parecem subestimados.

Estado - Você poderia citar algum?

Catherine - Vou citar o mesmo, o trabalho de Hélio Oiticica, por exemplo, é muito mal avaliado, no que se refere à relação de sua obra com a cultura brasileira. As coisas começam a mudar, foi editado, por exemplo, o belo livro de Celso Favaretto e há também o belo trabalho de Lisette Laguarda, um site extremamente inteligente, onde um amador esclarecido encontrará uma mina de informações.

A Respeito de Situações Reais. De terça a sexta, das 11h30 às 18h30; sábado e domingo, das 12h30 às 17h30. Paço das Artes, Avenida da Universidade, 1, Cidade Universitária, tel. 3814-4832. Até 1/06